

ERIN MCCARTHY

# True

**Tradução**

Cláudia Mello Belhassof

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS  
EDITORA

# 1

Ficar bêbada não estava nos meus planos para a noite de sexta. Nem admitir para minhas colegas de quarto, Jessica e Kylie, que eu era virgem.

Mas elas me deixaram sozinha com Grant.

Eu sabia o que a Jessica e o Tyler, a Kylie e o Nathan iam fazer no quarto dos caras. Bem, não que eu soubesse por experiência própria o que eles estavam fazendo — mas eu esperava que a festinha sexual deles não demorasse muito. Eu precisava estudar para a prova de química inorgânica na segunda-feira. Além disso, tinha que ler seis capítulos de Hemingway sobre escritores bêbados e fracassados e suas esposas traidoras, e isso sempre era um desafio para mim, porque eu preferia matemática e ciências. Decifrar literatura e a dinâmica social dos personagens me parecia uma perda de tempo, especialmente levando em conta suas atividades.

Álcool e sexo. Irônico, na verdade.

Mas Jessica era minha carona. Era muito longe para voltar a pé até o dormitório, e tão afastado do campus que havia feito meu pai levantar as sobrancelhas e sugerir que eu fizesse faculdade numa cidade rural tipo Bowling Green, onde não havia sofás sujos em varandas caindo aos pedaços e nenhum morador fumando crack em plena rua.

Então, voltar para casa a pé não era uma opção, porque eu não fumava crack e não gostava de correr riscos. De jeito nenhum. Mas ficar sentada ali com Grant enquanto minhas amigas estavam se divertindo quase parecia mais arriscado que andar pelo gueto. Porque

era mais ou menos como se empoleirar sobre um vaso sanitário público sem tocar em nada. Era difícil. Estranho.

Além do mais, estava muito, muito silencioso. Ele não falava nada, nem eu, então a gente ficou muito tempo sentado, num clima de muito desconforto, e eu me empenhei bastante em ficar totalmente imóvel para não me mexer mais do que ele. Como ele mal respirava, foi difícil.

Na verdade, eu me senti mal pelo Grant, o que era doido, porque eu não era exatamente a Garota Com Quem Todo Mundo Quer Estar. Mas Grant era bonitinho, tinha um cabelo comprido que caía nos olhos, maçãs do rosto salientes e cílios grossos e femininos. Era magro demais, usava camisetas pretas sempre apertadas e amassadas, com várias expressões grosseiras, como “Foda-se” e “Que Porra Você Tá Olhando?”. A calça jeans suja ficava pendurada em quadris inexistentes que competiam com os da Mary Kate Olsen, e não porque ele queria estar na moda. Acho que ele não comia o suficiente, sério. Nathan tinha me contado que o pai do Grant era um bêbado e a mãe era uma louca que golpeou um colega de trabalho na Taco Bell com uma caneta e estava numa ala psiquiátrica no centro da cidade. Ninguém comprava vegetais orgânicos na casa dele.

Então eu tinha uma queda esquisita pelo Grant, porque a situação tinha cara de Possibilidade. Como se não estivesse totalmente fora da realidade ele querer estar comigo de verdade, em algum tipo de posição macho-fêmea.

— Cigarro? — perguntou ele, me estendendo o maço de Marlboro vermelho, o olhar disparando para todos os lados para evitar a conexão comigo, enquanto estávamos sentados na sala de estar do apartamento do Nathan.

— Não, obrigada. — Foram os olhos dele que me fizeram entender que ali estava alguém de quem eu não precisava ter medo, por quem eu não precisava me sentir ameaçada nem intimidada. Porque, apesar de seu olhar nunca encontrar o meu, Grant tinha olhos assombrados. Olhos doloridos, vulneráveis e cinza.

Eu queria que ele me beijasse. Mesmo enquanto tomava um gole enorme da cerveja que ele tinha me dado cinco minutos antes, eu estava pensando que, se pelo menos ele reconhecesse o que eu via, tudo seria fantástico. Nós dois éramos absolutamente perfeitos um para o outro. Duas pessoas totalmente sensíveis, pálidas e quietas. Eu nunca ia empurrar o cara como Tyler fazia, com o pretexto de lutinha entre brothers. Eu nunca envergonharia Grant nem colocaria fogo nas roupas dele por diversão, como seu suposto melhor amigo, Nathan, tinha feito.

A mão dele tremeu um pouco enquanto riscava o isqueiro Bic para acender o cigarro que tinha colocado na boca. Havia uma mesinha de centro feita de carvalho entre nós, cada um largado numa poltrona reclinável xadrez, com um filme passando na tevê à nossa frente. Algum drama ruim do Tom Cruise. Eu nunca gostei do Tom Cruise. Ele sempre me lembrou o primo sinistro de alguém, que sorri demais antes de pegar na sua bunda e sussurrar alguma coisa nojenta no seu ouvido com bafo quente de uísque.

Mas Grant estava avaliando a tevê com muita seriedade, e a fumaça fluía em formas ovais certinhas e sensuais. Ele sabia fazer anéis de fumaça.

Pensei que meu único talento era converter oxigênio em dióxido de carbono, se bem que, para falar a verdade, eu me dava muito bem na escola — sempre me dei. Eu estava no programa dos melhores alunos e a caminho de me formar com honras, o que tornava o compartilhamento do quarto com Jessica e Kylie ainda mais irônico do que ler Hemingway. Elas eram superestrelas sociais e, se houvesse uma disciplina chamada conversa casual e introdução à paquera, eu ia repetir.

Eu nunca tinha namorado. Nenhum namorado suado, que andava de mãos dadas ou passava bilhetinhos no ensino fundamental. Nenhum cara no ensino médio que me fizesse usar sua camisa do time de futebol americano nas gincanas da escola. Nenhum monitor na faculdade que de repente reconhecesse o valor de um cérebro acima

da média e passasse noites na cafeteria estudando comigo. Nenhuma das anteriores.

Eu não sabia muito bem por quê, já que eu não me considerava feia com F maiúsculo. Talvez um pouco sem graça, definitivamente quieta, mas de forma alguma repulsiva. Não tinha cê-cê, mau hálito nem protuberâncias esquisitas em lugares visíveis, não tinha pontos de calvície nem tiques faciais. Alguns caras quiseram me beijar e tentaram enfiar as mãos na minha calça, mas nenhum quis me namorar.

E era por isso que eu achava que devia tomar a iniciativa em relação a Grant. Porque essa era a minha chance de conseguir um namorado. Dar uns amassos e dividir a pipoca no cinema, mandar mensagem um para o outro a cada minuto usando apelidos melosos. Só para saber como era um relacionamento, experimentar, como se fosse um lindo par de sapatos sensuais de salto alto.

Talvez isso até resultasse no Grant tatuando meu nome no bíceps. Era um nome curto, Rory, então caberia no braço magricelo. Alguma coisa permanente que dissesse que mais alguém neste mundo pensava em mim o suficiente para gravar meu nome pela eternidade.

Na realidade, Grant e eu ficamos completamente em silêncio por quinze, vinte minutos. Ele até parou de me perguntar se eu queria mais uma cerveja. Ele tinha a capacidade misteriosa de perceber quando eu havia terminado sem nem olhar para mim, e na hora me oferecia mais uma simplesmente me estendendo a lata. Eu não queria tantas, mas não consegui dizer não. A oferta silenciosa era a única coisa que nos conectava, além do fato de nós dois sermos humanos e por acaso estarmos sentados na mesma sala.

Eu estava começando a me sentir zozza depois de três cervejas que tinha bebido uma atrás da outra, e me perguntava em quanto tempo meu cérebro supostamente grande conseguiria bolar um comentário insinuante para mandar para Grant, com uma jogada de cabelo habilidosa. Várias garotas que eu conhecia falavam mais quando bebiam, mas, até agora, minha língua ainda parecia grudada no céu da boca e meus ouvidos estavam apitando.

— Você acha...? — Grant começou a dizer, virando o corpo todo na minha direção.

Surpresa, eu meio que engasguei, e a cerveja subiu pelo meu nariz. Eu não sabia que ele ia me olhar. Não estava preparada. Não tinha nenhum sorriso tímido. Pisquei para ele, esperando que talvez ele dissesse alguma coisa que levasse a algo, e eu teria uma chance nesse estranho jogo de acasalamento que todos nós parecemos querer jogar.

— Você acha que o lance entre o Tyler e a Jessica é sério ou eles só estão se pegando? Ou será que eu, você sabe...

Afundi de volta no xadrez cor de vinho. Aquele não era o meu dia. Eu era burra de pensar que esse dia chegaria.

— Não — consegui dizer. — O lance deles é definitivamente sério. — Embora eu soubesse que isso não era verdade, que Jessica não estava levando nada a sério naquele momento. Mas eu estava me sentindo malvada e meio enjoada, e bêbada de um jeito não muito bom. Era raro eu sentir raiva, mas de repente senti exatamente isso.

Porque até Grant, que era tipo um gafanhoto assustado agarrado no para-brisa de um carro em alta velocidade, era bom demais para mim.

Levei a cerveja até a boca e suguei com força, meus olhos concentrados no Tom na tevê e em seu sorriso cafona.

— Ela disse que adora o Tyler — acrescentei para enfatizar minha opinião, incitada a falar por uma humilhação ardente que me pincava a pele. Não era mentira, ela tinha dito isso. Mas Jessica adorava suas pantufas da Hello Kitty, seu iPhone e iogurte grego. Era sua palavra genérica para qualquer coisa que a agradasse naquele momento. Tyler a agradava meia hora atrás. Se ainda era esse o caso, era algo que ninguém sabia.

Grant olhou pelo corredor, na direção do quarto. Não falou nada, mas eu vi. Aquela vontade patética e desesperada. O desejo por algo que você quer, mas não pode ter. A necessidade de que alguém goste de você.

Eu reconheci porque via isso no meu rosto todo dia.

Então, sequei a quarta cerveja. Minha boca começou a ficar dormente e minha respiração pareceu alta e forçada nos ouvidos. Eu sabia que devia parar, beber água, me levantar, mas era mais fácil sentir pena de mim, escondida atrás de uma lata de cerveja, afundada na poltrona de tecido xadrez, minha nova melhor amiga.

Quando Grant se inclinou e de repente cobriu minha boca com a dele, fiquei tão chocada que soltei um gritinho assustado e derrubei a lata quase vazia no colo. Gotas de cerveja gelada molharam minha calça jeans. Ele tinha eliminado a distância entre as duas poltronas e estava debruçado sobre a mesa de carvalho, apoiado em uma das mãos, agarrando minha nuca com a outra. Confusa, fiquei sentada ali sem reagir por um segundo, com o cérebro cheio de cerveja pegando no tranco, processando. Grant estava me beijando.

Eu o beijei de volta. Porque, bem, era isso que eu queria, certo? Que Grant me beijasse.

Mas então eu lembrei que Grant não estava interessado de verdade em mim. Ele estava a fim da Jessica. Eu sabia disso. Sua boca era dura, a língua inchada forçava a entrada. Comecei a me afastar, desesperada por ar. Ele tinha gosto de cigarro velho e cheiro de alguém que nadava numa piscina de desodorante Axe.

— Passa isso pra Jessica — disse ele, ofegando muito e tirando o cabelo dos olhos.

Pisquei. Eu podia ser a garota esquisita, mas não queria ser a segunda opção. Uma substituta sexual da minha colega de quarto gostosa. A humilhação me dominou, inundando minha pele de calor dos pés à cabeça enquanto eu ficava vermelha de constrangimento e raiava. Quando ele começou a se mexer de novo para me dar outro beijo, coloquei a mão em seu peito para impedir.

— Passa você — retruquei e levantei, deixando a lata de cerveja cair no carpete sujo. Eu não tinha certeza para onde ia, só sabia que era para longe dele.

Só que Grant me agarrou pelo braço quando passei por ele e me puxou para o seu colo. Antes que eu pudesse reagir, ele estava com os braços em volta de mim, os lábios quentes no meu pescoço, a cutucada dura do que imaginei ser sua ereção na parte de trás das minhas coxas. O medo inundou minha boca. Ele não parecia tão forte. Ele não parecia nem um pouco forte, mas o aperto dele era firme, e seus beijos molhados e nojentos desciam pelo meu peito, por baixo da minha camiseta.

Quando tentei levantar, suas mãos apertaram meus braços com tanta força que parecia que meus pulsos iam quebrar, e eu não tinha muita coordenação por causa da cerveja. Tentei me afastar, mas acabei deslizando pelo colo dele, por entre as pernas, e caindo de joelhos no chão.

— Aí sim, era disso que eu estava falando — ele disse, me soltando para abrir o zíper da calça. — Boa garota.

Quando ele tirou a ereção para fora, a apenas um palmo do meu rosto, não consegui acreditar no que estava vendo, a pele lisa e os pelos escuros, simplesmente ali, de um jeito casual. Bem na minha cara. Percebi que ele pensou que eu ia fazer um boquete. Que eu realmente estava me oferecendo para fazer sexo oral, do nada, sem nenhuma conversa ou preliminar, só uns beijos vagabundos enquanto ele falava da minha colega de quarto. Que, de alguma forma, ele era louco o suficiente para achar que eu ia cair de boca nele por vontade própria. Com nojo, virei a cabeça para não ter que olhar para o pau dele.

A cerveja ia voltar. Eu bebi rápido demais, e ela estava se revirando no meu estômago, pronta para subir por minha garganta num tsunami de Bud Light, passando pelos meus dentes na direção do colo dele se eu não respirasse ar puro, não me afastasse dali.

— Me solta — pedi, tentando apoiar os pés no chão e me levantar.

Mas ele estava segurando a parte de trás do meu cabelo, e percebi que o único jeito de escapar seria me abaixando, não tentando levantar. Mas, se eu caísse totalmente no chão, ele poderia vir para cima



de mim, o que significava que, se eu não sáísse daquela posição nos próximos sessenta segundos, poderia acabar transando no carpete duro e imundo daquele apartamento alugado nojento. Eu preferiria fazer sexo oral a perder a virgindade com aquele babaca, que eu achava que fosse legal, que nunca vitimizaria ninguém porque ele era a vítima.

Nenhuma das duas opções era boa.

Mas, se eu fingisse que ia fazer sexo oral, poderia morder o cara. Enfiar os dentes em seu ponto mais sensível e fugir. Chamar um táxi. Eu estava em pânico o suficiente para achar que conseguiria fazer isso, fugir ou pelo menos lutar.

Então, tentei me levantar em vez de cair, e ele puxou meu cabelo com tanta força que meus olhos lacrimejaram. Eu tinha cabelos escuros avermelhados e compridos, então foi fácil para ele enroscar os dedos nos fios para controlar minha cabeça e meu pescoço, me prendendo de um jeito que eu não conseguisse me mexer.

— Para! Estou falando sério. — Apoiei o joelho na parte de baixo da poltrona e coloquei a mão em seu peito, para manter a cabeça o mais longe possível dele. — Vou vomitar — acrescentei, porque era verdade, e imaginei que nenhum cara ia querer que vomitassem nele.

Mas ele me ignorou e disse:

— Abre a boca.

Então eu soquei o pulso dele, tentando me soltar, desesperada, em pânico, com a visão borrada pelas lágrimas e por cervejas demais, e o estômago se revirando violentamente.

— Não! Por favor, não faz isso!

— Solta ela, Grant. *Agora*.

Ele me soltou e eu caí no chão, ofegando, me arrastando para trás, minhas galochas floridas me dando tração para eu escorregar para longe dele. Tyler estava de pé no corredor, sem camisa, com uma cerveja na mão. Ele obviamente tinha ido à cozinha, visto o que estava acontecendo e tentava interromper.

Minhas mãos tremiam de alívio, e eu fechei o agasalho para cobrir a camiseta e cada pedaço do meu corpo.

— Fica na sua, porra — disse Grant.

— Não. Não vou ficar na minha. Ela disse não. — Tyler era alto, tinha ombros largos, o peito e os bíceps cobertos de tatuagens. Ele me olhou e eu me encolhi um pouco. Seus olhos pareciam raivosos sob o brilho fluorescente da luz da cozinha. — Você disse não, certo, Rory?

— Sim. Eu disse não — acrescentei, querendo esclarecer.

Grant esticou a perna e chutou meu braço com força.

— Disse nada, sua vaca.

Ele me chutou. Não consegui acreditar que ele tinha me chutado. Soltei um grito, e, antes que eu pudesse reagir, Tyler estava entre mim e Grant, puxando o cara e fazendo-o ficar de pé.

— Eu ouvi ela dizer não. Agora sai daqui. Vai pra casa. Qual é o seu problema? Não se trata uma garota desse jeito.

Eles brigaram um pouco, Grant empurrando os braços do Tyler para longe enquanto caminhava em direção à porta.

— Cara, eu estava fazendo um favor pra ela. Ninguém quer essa garota.

A resposta do Tyler para isso foi um soco na cara do Grant, que o fez cair contra a parede.

— Cala a porra dessa boca ou eu te dou uma surra.

Grant se afastou da parede, me lançou um olhar de ódio e depois saiu, batendo a porta com força. As lágrimas escorriam em meu rosto, involuntariamente. A percepção de que eu quase tinha sido estuprada me atingiu, e as palavras horríveis de Grant fecharam a cena, num insulto final. Ele estava certo. Ninguém me queria. Mas isso não significava que eu devia ser tratada como merda. Não significava que eu não era gente, que eu devia deixar de lado a dignidade e aceitar qualquer tipo de atenção que me dessem, sem me importar se era de uma forma egoísta ou violenta.

— Você está bem? — perguntou Tyler, abrindo a cerveja e me oferecendo.

Balancei a cabeça. Porque eu não queria a cerveja. E porque eu não estava bem.

— Sinto muito. Eu não sabia que ele era capaz de fazer uma coisa dessas. Estou me sentindo muito mal. — Ele colocou a cerveja na mesa de centro. — Quer que eu te leve pra casa? A Jessica está dormindo.

Ótimo. Tudo que eu queria era voltar para o nosso dormitório e chorar na minha cama, mas Jessica estava tirando um cochilo pós-sexo. Era algo ousado para mim, mas decidi aceitar a oferta, mesmo sabendo que seria um incômodo para ele.

— Quero, se você não se importar.

— Claro, sem problemas. Vou só pegar as chaves. — Ele fez uma careta. — E uma camiseta. Está frio lá fora para outubro.

Ele voltou para o quarto e, quando saiu, Jessica estava com ele.

— Rory, você está bem? — Ela correu na minha direção, o cabelo louro voando, vestindo uma calça de pijama masculino e um moleton enorme. — O Tyler me contou o que aconteceu.

Seus braços me envolveram, e eu me deixei abraçar, grata pelo contato e pela preocupação.

— Que babaca. Se eu encontrar o Grant, vou cortar o pinto dele e enfiar goela abaixo. Vamos ver se ele gosta de um pau entalado na garganta.

Sua veemência me fez sentir melhor.

— Eu devia ter... — comecei, mas depois parei. Eu devia o quê? Eu não devia ter feito nada diferente. Eu só estava sentada na minha poltrona, e ele fez um monte de suposições e eu disse não, e essa era a verdade. Eu não ia me culpar por ele ter levado um soco na cara.

— Não, foda-se isso — disse Jessica. — Você não fez nada de errado. E me desculpa por ter te deixado com aquele idiota.

— Já volto — disse Tyler, com o telefone tocando na mão. Ele entrou no quarto enquanto Kylie saía, com o cabelo bagunçado e a maquiagem borrada.

— O que está acontecendo?

— O Grant tentou estuprar a Rory — disse Jessica, numa voz tão alta e direta que não consegui deixar de me encolher.

— O quê? Tá brincando. — Kylie podia ser irmã gêmea da Jessica. As duas eram altas, loiras, bronzeadas e definidas. Estavam fazendo faculdade de educação e provavelmente iam acabar como organizadoras de casamentos e esposas de caras que jogam golfe, enquanto eu queria estudar medicina para ser médica-legista. Eu ficava mais à vontade com os mortos que com os vivos. Mas, por algum motivo, Kylie e Jessica gostavam de mim. E eu gostava delas. A reação delas só fez aumentar esse sentimento. As duas estavam com cara de que, se tivessem um taco de beisebol e cinco minutos com Grant, ele ia desejar nunca ter nascido.

Eu não queria brigar com Grant. Só queria esquecer que aquilo tinha acontecido.

— Eu beijei o Grant — eu disse, porque me sentia culpada por isso. Ele se sentiu meio incentivado.

— E daí? Um beijo não é uma promessa de sexo — Kylie respondeu. Ela estava certa.

— Eu sei — eu disse, miserável, confusa, com o estômago revirado. Sentei na mesa de centro, olhando para as minhas botas. — Mas quer dizer... Não é que eu não tenha pensado em ficar com o Grant. Eu pensei. Mas ele foi tão... E eu não quero que a minha primeira vez seja assim... E eu devia ter feito... alguma coisa.

Já era a ideia de dizer a mim mesma que não ia fazer isso. Lá estava eu, preocupada, sentindo que tinha alguma culpa no que havia acontecido.

— Sua primeira vez? Espera, você está dizendo que é virgem? — Jessica me encarou com um olhar vazio. — Sério?

Ops. Eu não queria ter compartilhado essa informação. Não era exatamente um segredo sombrio e misterioso, e não devia ser um choque tão grande para ela, mas também não era uma coisa que eu andava falando por aí.

— Hum... é. Eu simplesmente não... — Não tive oportunidade. — Não apareceu ninguém... — Estendi a mão para a cerveja que Tyler tinha abandonado e dei um gole. Eu estava bêbada, mas não o sufi-

ciente para não me sentir completamente envergonhada, como se estivesse no ensino médio.

— Ah. — Kylie parecia perplexa. — Bom, não tem nada de mais. Muitas garotas fazem essa escolha.

— Não é uma escolha. Não exatamente. Quer dizer, se eu pudesse, acho que faria. — Faria. Eu tinha vinte anos e as mesmas sensações físicas que as outras pessoas. Só não tinha com quem explorá-las. De um jeito que não fosse uma rapidinha no carpete manchado.

— Bom, e por que você não pode? — Jessica perguntou.

— Porque não tem ninguém se oferecendo. Acho que tecnicamente o Grant se ofereceu, mas não quero desse jeito. — Eu estava arrependida por ter tocado no assunto. Não era uma conversa que eu queria ter com Tyler e Nathan a poucos metros de distância.

— Então você quer, tipo, romance?

Era assim que a gente chamava?

— Acho que sim.

Tyler voltou para a sala, enfiando o celular no bolso da frente.

— Pronta?

— Sim. — Encontrei minha bolsa no chão e passei a alça sobre a cabeça.

— Tyler, a Rory quer romance — contou a Jessica. — O que você acha disso?

Meu rosto queimou de vergonha. Eu não queria ser o assunto da conversa. Não queria que Tyler me encarasse como estava fazendo, com os olhos escuros me analisando. Ele era o típico bad boy — e era por isso que Jessica gostava dele —, e eu era o tipo de garota que ele nunca teria notado. E ele nunca tinha me notado de verdade. Eu era a amiga quieta da Jessica e da Kylie, cuja presença ele tolerava. Mas agora seus olhos estavam me avaliando, me analisando, e eu não entendia sua expressão.

— Acho que ela deve ter o que quiser. — Ele estendeu a mão e pegou a cerveja da minha, os dedos roçando nos meus. — Mas nada é tão romântico quanto uma caixa de cerveja. Preciso comprar mais.

Estremeci com o toque dele e com o olhar impenetrável que ele estava me dando.

— Vou ficar aqui — declarou Jessica. — Está frio demais lá fora pra ir pra casa. Te vejo amanhã, Rory.

Kylie já estava encolhida no sofá, meio dormindo, quando deu um aceno fraco.

— Tchau, florzinha.

— Tchau — eu disse, enfiando as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, desejando ter um casaco mais grosso. Eu estava com frio e queria um banho quente para lavar a cerveja e o medo e a sensação dos lábios molhados do Grant em mim. Mas primeiro eu teria que sentar sozinha com Tyler no carro. Um fim perfeito para uma noite horrível. Uma conversa casual desajeitada com o amigo colorido da minha colega de quarto, que tinha dado um soco no próprio amigo para me defender.

O corredor exalava um forte cheiro de fritura enquanto eu descia a escada de metal atrás do Tyler, e achei que aquele fosse o fim das conversas sobre a minha virgindade.

Mal sabia eu que era apenas o começo.